

Jornalismo de Dados em Portugal: um estudo exploratório sobre práticas jornalísticas especializadas

Marco Antônio Gehlen

Universidade Federal do Maranhão
gehlen.m@gmail.com

Jorge Pedro Sousa

Universidade Fernando Pessoa / ICNOVA
jpsousa@ufp.edu.pt

Resumo

O Jornalismo de Dados tem sido definido como uma modalidade jornalística que recorre a técnicas computacionais e científicas para apuração, edição, publicação e circulação de produtos jornalísticos, ampliando a capacidade investigativa dos jornalistas predominantemente da exploração de bases de dados diversas. Como técnica jornalística especializada, o Jornalismo de Dados apresenta características específicas que o definem e o distinguem das dinâmicas convencionais da atividade jornalística nas redações, suscitando questionamentos sobre quais modificações mais emblemáticas a técnica tem promovido nas dinâmicas de produção do jornalismo. O estudo optou por preocupar-se menos com as modificações qualitativas nos conteúdos e buscou observar predominantemente as diferenças operacionais e de veiculações das reportagens que utilizam a técnica nas rotinas produtivas. Foram analisados exclusivamente três questões específicas levantadas preliminarmente nos estudos bibliográficos: eventuais editoriais predominantes de veiculação dos conteúdos, eventuais plataformas predominantemente utilizadas para publicações das reportagens de dados e eventuais modificações no perfil das equipes que atuam com Jornalismo de Dados. Como percurso metodológico, o estudo realizou entrevistas com quatro jornalistas que utilizam a técnica em suas rotinas nos jornais Expresso e Público, de Lisboa; e no jornal O Jogo e na Rádio Renascença, do Porto, ou seja, foram levantadas observações empíricas da técnica do Jornalismo de Dados praticada em redações jornalísticas em Portugal. Como resultado, nota-se que as práticas jornalísticas envolvendo dados demonstram uma retomada de aprofundamento e rigor das apurações, mas têm promovido modificações nas estruturas das redações e nas equipes. As observações empíricas demonstraram que o Jornalismo de Dados tem apresentado três características relevantes que se destacam e contribuem para sua delimitação conceitual: é uma técnica multieditorial, não se limitando a apenas uma seção temática; é multiplataforma, não se restringindo, por exemplo, a jornais impressos; e é desenvolvida por equipe com múltiplos profissionais atuando conjuntamente, demandando uma reconfiguração no perfil e na atuação das redações jornalísticas.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo de Dados; Rotinas Produtivas; Portugal.

Abstract

Data Journalism has been defined as a journalistic modality that uses computational and scientific techniques to calculate, edit, publish and circulate journalistic products, increasing the investigative capacity of journalists predominantly from the exploitation of diverse databases. As a specialized journalistic technique, Data Journalism presents specific characteristics that define it and distinguish it from the conventional dynamics of journalistic activity in newsrooms, raising questions about which emblematic modifications the technique has promoted in the dynamics of journalism production. The study chose to be less concerned with the qualitative modifications in the contents and sought to observe predominantly the

operational differences and of the publications of the reports that use the technique in the productive routines. Only three specific issues raised in the bibliographic studies were analyzed: possible predominant publishings of content, possible platforms predominantly used for publication of data reports and possible changes in the profile of the teams that work with Data Journalism. As a methodological course, the study conducted interviews with four journalists who use the technique in their routines in the newspapers Expresso and Público, in Lisbon; and in the newspaper O Jogo and Rádio Renascença, in Porto, that is, empirical observations were made on the technique of Journalism of Data practiced in newspaper essays in Portugal. As a result, it is noted that the journalistic practices involving data demonstrate a resumption of deepening and rigor of the assessments, but have promoted changes in editorial structures and teams. The empirical observations showed that Data Journalism has presented three relevant characteristics that stand out and contribute to its conceptual delimitation: it is a multieditorial technique, not limited to only one thematic section; is multiplatform, not restricting itself, for example, to printed newspapers; and is developed by a team with multiple professionals working together, demanding a reconfiguration in the profile and in the work of journalistic writing.

Keywords: Journalism; Data Journalism; Production Routines; Portugal.

Introdução

O jornalismo, em geral, e principalmente o impresso, tem sido confrontado a repensar suas rotinas e práticas diante de pelo menos duas crises correlacionadas que têm marcado a atividade nas duas últimas décadas: a falta de credibilidade da imprensa e a fuga dos investimentos publicitários.

Internamente, nas redações, a convergência multimidiática, aliada à lógica de velocidade das rotinas, tem intensificado o ritmo de produção dos noticiários e imposto novas atribuições e exigências aos jornalistas, colocando sob pressão as práticas atuais da atividade, com reflexos diretos na qualidade dos conteúdos. Marcondes Filho (2009) refere-se a esse cenário de debilitação de processos elementares de apuração das notícias como precarização do jornalismo.

Moretzsohn (2002) relata, no livro *Jornalismo em 'tempo real'*. *O fetiche da velocidade*, que a pressão para produzir textos instantâneos, sem o devido tempo para análise, tem levado o jornalista, principalmente aquele atuante em plataformas digitais, a desmembrar uma mesma informação em vários pequenos textos e a se submeter a coisas como: “divulgar antes e checar depois” (Fidalgo, 2008). O profissional de imprensa, por sua vez, fica cada vez mais vulnerável à influência das fontes e, devido à pressa, fadado a veicular notícias baseadas essencialmente em declarações.

Nos últimos anos, o Jornalismo de Dados tem sido entendido como uma modalidade jornalística que – a partir do desenvolvimento e popularização da informática e das telecomunicações – vem aplicando técnicas computacionais e científicas para apuração, edição, publicação e circulação de produtos jornalísticos, sendo que tais práticas são vistas como capazes de ampliar a capacidade investigativa dos jornalistas sobre acontecimentos e questões sociais diversas (Träsel, 2014).

Rogers (2014) afirma que o Jornalismo de Dados tem sido favorecido pela crise de credibilidade enfrentada pela imprensa, uma vez que muitas redações têm adotado a modalidade em busca de maior fundamentação para suas notícias e de mais precisão nos relatos jornalísticos.

Assim, o enfoque norteador deste estudo situa-se em levantar quais características o Jornalismo de Dados tem apresentado, enquanto técnica jornalística especializada, que se diferem das abordagens tradicionais da atividade nas dinâmicas internas das redações e também quais modificações mais emblemáticas a técnica tem promovido na dinâmica de produção dos conteúdos jornalísticos.

Como percurso metodológico, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro jornalistas que utilizam a modalidade do Jornalismo de Dados em suas rotinas jornalísticas em diferentes veículos de comunicação de Portugal (Jornais Expresso e Público, de Lisboa; e Jornal O Jogo e Rádio Renascença, do Porto), em busca de compreender e descrever, neste artigo, as modificações mais significativas que a técnica têm proporcionado na concepção dos respectivos jornalistas. As quatro entrevistas foram realizadas entre março e maio de 2018 em Lisboa e Porto, Portugal. Salienta-se que os jornalistas ouvidos figuram-se, segundo levantamento preliminar deste estudo, como os pioneiros em plena atividade na utilização do Jornalismo de Dados em Portugal.

Jornalismo de Dados: breve histórico e conceituação

Oriundo do Jornalismo de Precisão e da Reportagem Assistida por Computador (RAC), o Jornalismo Dados refere-se ao conjunto de práticas - difundidas predominantemente após a metade da década de 2000, a partir do desenvolvimento e popularização da informática e das telecomunicações - que aplica técnicas computacionais e científicas para apuração, edição, publicação e circulação de produtos jornalísticos, conforme definição de Träsel (2014).

Essas técnicas são vistas como usos e/ou instrumentos capazes de ampliar a capacidade investigativa dos jornalistas sobre acontecimentos e questões sociais de interesse público, com notícias ou reportagens podendo ser veiculadas na forma de textos, narrativas hipertextuais, visualizações gráficas ou audiovisuais, ou até por meio de aplicativos desenvolvidos com finalidade noticiosa (Träsel, 2014).

Na concepção de Barbosa e Torres (2012), este modelo de jornalismo organiza sua estrutura, organização, composição e apresentação de conteúdos jornalísticos nas bases de dados, possibilitando a criação, manutenção, atualização, disponibilização, publicação e circulação de conteúdos dinâmicos em plataformas múltiplas.

Com a crescente disponibilidade de dados em função do contexto de maior transparência das informações públicas, o Jornalismo de Dados tem tido sua atuação centrada na abordagem de problemas sociais, bem como na fiscalização de governos e instituições,

entre outras temáticas sociais. As práticas dessa nova modalidade contam também com influências das crescentes facilidades de acesso e de utilização das ferramentas de análise estatística e visualização gráfica, entre outras, fruto da proliferação dos computadores (Rogers, 2014).

Diferentemente das Reportagens Assistidas por Computador (RAC), considerada como uma das primeiras tentativas organizadas e sistemáticas de utilizar computadores para coletar e analisar dados com foco em aprimorar a notícia, as práticas empíricas têm revelado que o Jornalismo de Dados é detentor de um foco mais acentuado na manipulação e visualização final dos dados do que na obtenção destes. É o que sublinha Bounegru (2012), ao ressaltar que a atenção concedida aos dados, com foco em descobrir ou incrementar reportagens, é, muitas vezes, maior que seu emprego nos textos. "Por isso, vemos o *Datablog* do *The Guardian* e o jornal *Texas Tribune* publicando conjunto de dados lado a lado com as notícias ou até mesmo apenas os dados sozinhos — para as pessoas analisarem ou explorá-los", exemplifica Bounegru (2012: s.p.).

Essa perspectiva vai ao encontro do atual contexto em que as muitas informações, agora disponíveis em abundância, demandam mais enfoque ao seu processamento que em sua obtenção, como elucida a seguinte exposição: "Philip Meyer escreveu recentemente para mim: 'Quando a informação era escassa, a maior parte dos nossos esforços eram dedicados à caça e à obtenção de informação. Agora que é abundante, o processamento dessa informação é mais importante'" (Bounegru, 2012: s.p.).

O Jornalismo de Dados tem encontrado campo fértil, portanto, na disseminação de bases de dados acessíveis via internet para uso de qualquer cidadão e com potencial grandioso de uso pelos jornalistas. Também, segundo Rogers (2014), tem sido favorecido pela crise de credibilidade enfrentada pela imprensa, que levou muitas redações a adotarem a modalidade em busca de maior fundamentação com base em dados para suas notícias, oferecendo aos leitores mais precisão nos relatos jornalísticos.

A problemática, no entanto, é que os jornalistas, de maneira geral, continuam sendo treinados para obtenção de dados diversos por modos convencionais de apuração jornalística, sem foco específico nas técnicas de coleta e tratamento necessárias para uma atuação frente à crescente disponibilidade de bases de dados. Como afirma Bounegru (2012), ao mesmo tempo em que há uma abundância de informações, os jornalistas não necessariamente sabem como manipular esses dados.

Träsel (2014) ressalta que, conforme mais dados são disponibilizados na rede mundial de computadores, haverá crescente demanda para transformá-los em informação palpáveis para o público, bem como por aplicativos que proporcionem o consumo dessas narrativas, principalmente, em dispositivos móveis como *smartphones*. Esse cenário provocará, por consequência, novas necessidades no modo como os dados são acessados, processados,

apresentados e publicados, e parte dessas demandas, no que se refere aos conteúdos jornalísticos, deve ter reflexos na necessidade de capacitação dos profissionais do jornalismo para atuarem com dados.

De acordo com Howard (2014), os jornalistas já estão sentindo esse volume de dados que seguem se expandindo rapidamente e possibilitando maior fiscalização dos governos, em favor do público e da sociedade. Em resumo, o Jornalismo de Dados parece ser um dos modos de ajuste da profissão jornalística ao potencial sem precedentes da informática, que tem proporcionado maior facilidade de acesso a sistemas e a ferramentas, contribuindo com a disseminação de uma cultura da transparência e, também, sendo favorecido por ela (Träsel, 2014).

O aparecimento do termo "Jornalismo de Dados" neste início do século simboliza ainda, segundo Bounegru (2012), essa fase de plena disponibilidade de grandes volumes de dados que, quando combinada com as ferramentas focadas nos usuários e novas plataformas, possibilita que mais pessoas venham a trabalhar com dados, como jamais foi possível na história.

O uso de dados e gráficos no jornalismo, no entanto, não é novo, como lembra Träsel (2004), mas remonta ao século XIX. A grande diferença consiste que, antes, os dados eram publicados em jornais e livros, enquanto, agora, como destaca Rogers (2012), têm-se planilhas e arquivos em computadores passíveis de manipulações muito mais significativas.

Tais instrumentos possibilitam agora que cada usuário se dedique com profundidade a acessar fontes de dados diversas e levante informações relevantes, desafiando meras suposições, inclusive, no jornalismo. Em suma, o Jornalismo de Dados beneficia-se de uma democratização de recursos, ferramentas, técnicas e métodos antes restritos aos especialistas, mas também dialoga com interlocutores que podem ter acesso a tais ferramentas. É nesse sentido que o jornalista de dados pode contribuir, como sugere Bounegru (2012), para a diminuição das barreiras para compreensão e imersão nos dados, promovendo uma alfabetização de dados dos seus leitores (Bounegru, 2012), ao mesmo tempo em que os profissionais da imprensa possam ter formas inovadoras para divulgar dados e notícias.

Destaca-se ainda, neste novo contexto, a possibilidade de criação e manutenção de bancos de dados diversos pelos próprios jornalistas e/ou nas redações. Sabe-se que os arquivos jornalísticos em papel sempre foram utilizados para recuperar informações diversas, mas, agora, esse gerenciamento de informações passa a ocorrer com o auxílio de computadores e, mais que isso, conta com serviços de computação, comunicação e armazenagem de dados, entre outras ferramentas, concedendo aos jornalistas de dados condição sem precedente de coleta, armazenamento, manipulação e utilização de dados em favor de suas reportagens. "Os jornalistas, portanto, têm hoje a matéria-prima e as ferramentas para o desempenho do Jornalismo de Dados disponíveis gratuitamente ou a baixo

custo na internet” (Träsel, 2014: 30).

Há, ainda, outros aspectos que favorecem a incorporação da modalidade de Jornalismo de Dados nas redações contemporâneas, segundo Parasie e Dagiral (2013), relativos: à eliminação de eventuais estratégias de intermediários entre o jornalista e a fonte de informação, como assessores de imprensa, por exemplo; à redução de custos com as investigações, uma vez que as coletas e análises podem, em grande parte dos casos, serem realizadas da redação por meio de ferramentas de acesso; e, por fim, à ampliação do número de fontes e bases de dados via internet.

Em busca de elucidar ainda mais esta modalidade, Barbosa e Torres (2013) sistematizaram algumas funcionalidades do que denominam como o “paradigma JDBD (Jornalismo Digital em Base de Dados)”. Para as autoras, esta prática pode 1) integrar os processos de apuração, composição, documentação e edição dos conteúdos; 2) orientar e apoiar o processo de apuração, coleta, e contextualização dos conteúdos; 3) regular o sistema de categorização e qualificação das distintas fontes jornalísticas, indicando a relevância delas; 4) habilitar o uso de dados para análise de informações e extração de conhecimento, por meio de técnicas estatísticas ou métodos de visualização e exploração; e 5) garantir a flexibilidade combinatória e o relacionamento entre os conteúdos.

Na prática, as técnicas desta modalidade de jornalismo passam a referendar estratégias para que o jornalista possa encontrar dados e transforme-os em informações com apelo noticioso oriundo de bases de dados com milhares ou milhões de registros, que dificilmente poderiam ser manuseadas sem os computadores (Träsel, 2014).

Desde que se possua a mínima capacitação para atuar num Jornalismo de Dados com estas perspectivas tratadas, a manipulação de bases distintas de dados alcança possibilidades sem precedentes de cruzamentos e comparações capazes de embasar novos questionamentos e novas respostas, enfim, novas investidas jornalísticas. É justamente a partir de coleta, armazenamento, manipulação, cruzamentos e produção de informações a partir de grandes quantidades de dados que a nova modalidade tem desenvolvido apurações e veiculação de reportagens com base em dados, utilizando-se por consequência, dada à vasta quantidade de dados passíveis de serem divulgados, uma gama de novos modelos de infográficos para visualizações desses dados.

Empiricamente, porém, nota-se que a técnica de Jornalismo de Dados provoca modificações, em menor ou maior grau, nas etapas desde a captação de dados e informações, no modo de analisá-las, na forma de construir os textos a partir e/ou contando com dados, até no modo de visualização final das notícias.

Este estudo, no entanto, preocupa-se menos com as modificações qualitativas nos conteúdos produzidos e enfoca predominantemente nas rotinas produtivas que utilizam a técnica de Jornalismo de Dados, analisando apenas diferenças operacionais e de veiculações

das reportagens que utilizam a técnica frente a rotinas tradicionais das redações jornalísticas. Como recorte, o presente artigo optou por observar exclusivamente três questões específicas suscitadas nos estudos bibliográficos preliminares, sendo elas: eventuais editorias predominantes de veiculação dos conteúdos, eventuais plataformas predominantemente utilizadas para publicações das reportagens de dados e eventuais modificações no perfil das equipes que atuam com Jornalismo de Dados.

Multieditoria, multiplataforma e desenvolvido por equipes de múltiplos profissionais

Em 1973, Philip Meyer publicou sua obra inaugural sobre Jornalismo de Precisão com o título original "*Precision journalism: A Reporters Introduction to Social Science Methods*" (Meyer, 1973) que foi revisada posteriormente com nova publicação denominada "*The New Precision journalism*" (Meyer, 1991). Nelas o autor propunha a aplicação de métodos científicos de investigação social e comportamental à prática do jornalismo (Meyer, 1993). Conceitualmente, pode-se dizer que o Jornalismo de Precisão se posiciona na linha ancestral do que hoje é considerada a técnica de Jornalismo de Dados e aquela empresta a essa, em teoria, algumas características para as quais este estudo buscou verificação empírica.

Meyer (1973) antecipava em sua obra que a quantificação numérica dos problemas analisados configurava-se como o "substantivo das reportagens", característica também registrada no Jornalismo de Dados, mas em ambas as técnicas há o entendimento de que por si só os números não valem se não há método para sua obtenção e se não aparecerem contextualizados no problema social abordado, em geral, de lenta e longa evolução.

Essa representatividade dos números levou Dader (1993) a ressaltar a necessidade de ampliação do conceito de Jornalismo de Precisão, não limitando-o a termos "quantitativos" ou "numéricos", uma vez que, se o conceito se restringisse a um número, determinados trabalhos de experimento sociológico ou de cruzamento de dados com documentos e posterior processamento computacional teriam que ser excluídos dessa categoria. Logo, na ressalva de Dader (1993), uma identificação literal entre "Jornalismo de Precisão" e "análises estatísticas" poderia empobrecer a modalidade.

Nesta linha, Dader (1993) defendeu o Jornalismo de Precisão como a prática jornalística que aplica ou analisa sistematicamente métodos empíricos de investigação científica, de caráter numérico ou não, sobre qualquer assunto de transcendência social, com especial inclinação ao campo das ciências sociais. Para o autor, a modalidade jornalística poderia ser aplicada plenamente em páginas de saúde, ciência e tecnologia, política, economia e esporte, independentemente de sua natural e originária raiz sociológica. Ou seja, o Jornalismo de Precisão origina-se não como uma especialidade temática, nem como a aplicação de uma técnica particular, mas implica uma atitude e uma estratégia de trabalho aplicável em qualquer editoria jornalística de veículos de comunicação, com o emprego do método de investigação ou

verificação científica pertinente a cada caso.

Tomando como base esse prisma de Dader (1993), este estudo analisou empiricamente, por meio das entrevistas, a eventual vinculação, então, do Jornalismo de Dados, que em essência também tem o número como substantivo das reportagens, com alguma editoria específica, em busca de verificar hipótese de que a técnica estaria vinculada predominantemente com a editoria de economia em função da frequente presença de números.

Em entrevista para a presente pesquisa, a jornalista Raquel Albuquerque (Informação verbal¹), do jornal Expresso, relatou que, em Portugal, os repórteres normalmente não são exclusivos para atuarem com reportagens de dados, ou seja, ora desenvolvem reportagens tradicionais, ora aplicam o Jornalismo de Dados, configurando-se como rotinas não exclusivas para a técnica. A característica decorre em função de que os jornais portugueses, segundo ela, ainda não possuem equipes ou departamentos de Jornalismo de Dados, mas, sim, repórteres que individualmente desenvolvem reportagens de dados em paralelo a outras reportagens tradicionais.

A iniciativa desses profissionais, segundo a jornalista, confere às práticas de Jornalismo de Dados nas redações portuguesas a característica de, em geral, serem multieditorias, como mostra o relato sobre a transversalidade temática da técnica:

“Eu já fui saltando, no jornal, por várias seções e por várias razões, mas acho que uma das principais é pelo fato de não se saber muito bem onde pôr a pessoa que trabalha com dados. Efetivamente é um trabalho muito transversal aos temas, tanto pode ser de economia, de política, de sociedade ou de cultura etc., portanto, considerando as áreas e temas possíveis, eu acho que leva um pouco de tempo para as redações entenderem onde encaixar o jornalista de dados nas redações. A forma como eu acho que funciona melhor é uma atitude transversal. Isso significa também que as pessoas da redação, como editores etc. precisam conhecer e compreender o que o Jornalismo de Dados pode fazer e como faz” (Informação Verbal²).

Em seus relatos, o jornalista de dados Rui Barros, da Rádio Renascença, também destaca que sua rotina produtiva nas reportagens possui grande variação temática quanto a abordagens. Segundo ele (Informação verbal³), o Jornalismo de Dados que pratica é, de fato, transversal, ou seja, multieditoria. Ele exemplifica descrevendo o caso de uma reportagem de dados publicada no site da Rádio Renascença, em maio de 2018, sob o título “*Sente-se triste*

¹ Entrevista com Raquel Albuquerque. Concedida em maio de 2018 em Lisboa.

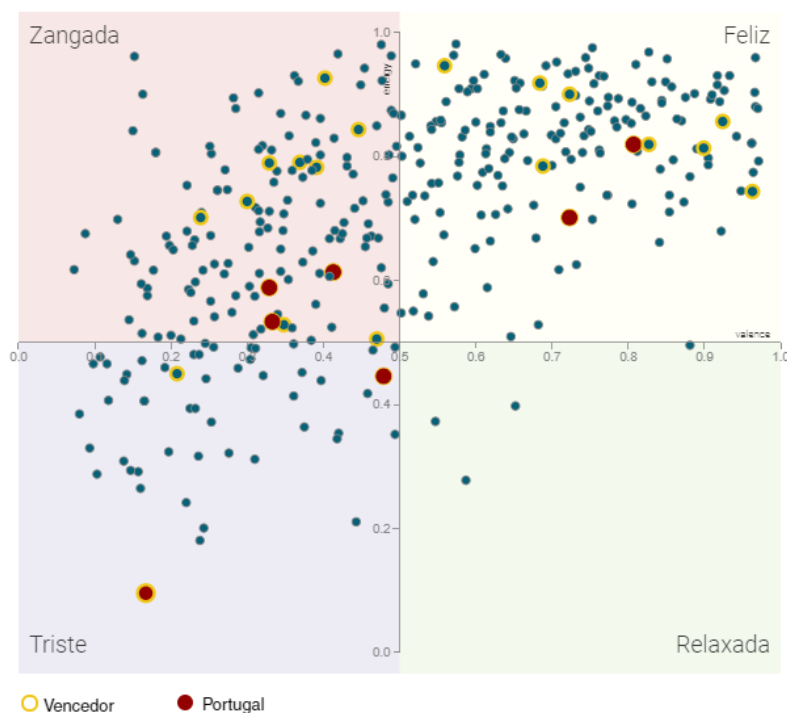
² Entrevista com Raquel Albuquerque. Concedida em maio de 2018 em Lisboa.

³ Entrevista com Rui Barros. Concedida em maio de 2018 em Braga.

quando ouve "Amar pelos dois"? Não é o único", para a qual desenvolveu uma análise em dados sobre os sentimentos dos ouvintes diante das músicas inscritas no festival musical europeu denominado Eurovisão. A partir de dados sobre "energia" e "positividade" que o aplicativo de música *Spotify* disponibiliza para todas as canções foi possível classificar as informações das músicas que chegaram à final do festival Eurovisão entre 1997 e 2017, ranqueando-as em escalas entre as categorias feliz, triste, zangada ou relaxada. Os dados sobre cada música foram dispostos em um gráfico de dispersão, que posicionou cada canção mais próxima ao sentimento informado pelos usuários ouvintes no Spotify, conforme Figura 1, que segue:

Figura 1: Imagem da reportagem de dados do site da Rádio Renascença

Sabe qual é o sentimento que predomina entre as canções finalistas da Eurovisão? Damos-lhe uma dica: não é aquele que o Spotify mais associa à canção de Luísa e Salvador Sobral, que venceu a edição de 2017. Embarque connosco numa viagem pelos últimos 20 anos do festival europeu da canção.



A reportagem revelou que a música portuguesa vencedora da edição de 2017 do festival, denominada "Amar pelos dois", era avaliada pela maioria dos ouvintes como a mais "triste" entre todas as participantes. Trata-se, portanto, de reportagem que exemplifica o potencial transversal das abordagens com dados, pois ela ampara-se em índices de sentimentos disponibilizados por ouvintes em determinado aplicativo musical para quantificar, classificar e fazer inferências sobre sensações provocadas por canções de um festival, o que

permitiu comparações e a exploração jornalística em uma temática inusitada e, ainda, ofertou aos leitores a chance de ouvir cada uma das músicas no decorrer da reportagem, disponibilizando acesso aos áudios e vídeos das canções na plataforma digital da Rádio Renascença.

Na prática, a manipulação de grandes quantidades de dados tem como vastidão temática a amplitude das ofertas das atuais bases de dados, de modo que repórteres de dados podem fazer uso jornalísticos destes dados em temas diversos crescentemente disponibilizados, não se restringindo a determinada editoria, como economia, por exemplo, que predominantemente recorre a dados numéricos, mas que não é a única. Verifica-se, de fato, grande transversalidade temática das abordagens jornalísticas desenvolvidas com a técnica de Jornalismo de Dados, configurando esta como uma técnica multieditoria.

Ao relatar o caso da reportagem supracitada, o jornalista de dados Rui Barros sinaliza, ainda, o potencial de utilização das reportagens desenvolvidas com a técnica de Jornalismo de Dados em multiplataformas. Ele explica que, por ser o único profissional a empregar a técnica de Jornalismo de Dados no veículo de comunicação que trabalha, sente-se como um “canivete suíço” na redação, ou seja, desenvolve diversas funções para a produção das suas reportagens, que são publicadas especificamente no ambiente digital (no site) da rádio, com infográficos e/ou tabelas interativas, que buscam disponibilizar dados obtidos nas investigações jornalísticas.

“Minha atuação reúne atividades de buscar dados, limpá-los, analisá-los, produzir tabelas, construir séries de dados, escrever os textos, fazer programação de banco de dados e ainda pensar na visualização final do material, ou seja, na construção de infográficos e/ou tabelas interativas. (Informação verbal⁴)

A característica multiplataforma da técnica de Jornalismo de Dados fica evidenciada nos relatos do jornalista uma vez que, diferentemente das rotinas dos jornais impressos para os quais os infográficos são criados de forma estática, ele cita a demanda de programação para que a visualização dos dados seja interativa nas plataformas digitais, ou seja, as rotinas dele como jornalista de dados passaram a incorporar atuações também de programador. Empiricamente, o Jornalismo de Dados desenvolvido em Portugal tem sido configurado como uma técnica capaz de abrigar abordagens multitemáticas e também veiculadas em multiplataformas, ou seja, em plataformas diversas, desde impressas, para as quais são demandadas infografias com suas especificações estáticas, até digitais, nas quais pode-se incorporar visualizações interativas de dados. Este enfoque no potencial multiplataforma

⁴ Entrevista com Rui Barros. Concedida em maio de 2018 em Braga.

merece ser aqui destacado em oposição às hipóteses que supõem um uso dos dados restrito a visualizações infográficas estáticas em jornais impressos, sendo que, as plataformas digitais têm se mostrado como potencializadoras do uso de dados diversos em infográficos interativos que compõem as reportagens.

Em essência, segundo Alberto Cairo (2011), os infográficos buscam captar dados, reduzi-los, editá-los, a partir de uma seleção entre o que é relevante, e apresentar esses dados graficamente para que possam ser assimilados pelo público. Tal condição refere-se às dinâmicas de produção de infográficos tanto para plataformas impressas quanto para aquelas digitais e interativas. No entanto, segundo o autor, a visualização de dados parte da concepção de infografia, mas passa justamente a incorporar a criação de ferramentas visuais, muitas vezes interativas nos meios digitais, para seu público explorar e estudar os dados. Ou seja, há um enfoque que se amplia na possibilidade de os usuários passarem a ser também navegadores pelos dados disponibilizados, o que difere, então, a visualização interativa de dados daquela proposta da infografia estática direcionada exclusivamente para jornais impressos.

Neste sentido, Alberto Cairo (2012) defende a concepção de que departamentos de infografia e visualização devem abandonar uma ideia limitante de que sua função do infográfico seja somente sintetizar e organizar dados visuais, embora nas rotinas do jornalismo impresso isso ainda seja necessário, mas passa a conceber a possibilidade de tais departamentos tornarem-se desenvolvedores de *softwares* interativos para plataformas digitais, permitindo que cada leitor examine e adapte o conteúdo para sua própria pesquisa e/ou interesse.

Para isso, muitos jornalistas de dados precisam de auxílio técnico, seja para a obtenção e organização de dados ou para o desenvolvimento dos sistemas de visualização interativos. Bruno Rodrigues, jornalista de dados do jornal O Jogo, especializado em esportes, tem uma atuação voltada para tabulações e exploração jornalística de dados esportivos e ressalta a relevância de uma atuação coletiva em uma equipe funcional para que o responsável pela redação das reportagens possa dialogar com o setor de estatística, que coleta e organiza os dados, bem como com o setor de infografia, que organiza a visualização final dos dados; e com a paginação, entre outros. Ele relata:

"A infografia participa de modo ativo da produção e é uma colaboração muito rica entre nós, jornalistas, e eles [infografistas]. A pauta a ser desenvolvida parte quase sempre de uma ideia minha ou de uma reunião que tenho com meu editor. Primeiro penso em objetivo, depois vou ver se tenho dados para fazer aquilo. Temos que considerar sempre os dados disponíveis e o tempo necessário para fazer aquilo, que é sempre curto. Há uma grande exigência de velocidade para o infografista fazer a

infografia, pensarmos o conceito, a diagramação da página, além disso tenho que adaptar o que temos com o que é tecnicamente possível no tempo disponível. Em posse dos dados, vou conversar com o pessoas da infografia e com o editor para avaliarmos qual a melhor maneira de mostrar aquilo, ou seja, aqueles dados. No nosso caso, de jornal impresso, ainda é preciso considerar o espaço do jornal adaptado texto, foto, infografia na diagramação final. Ou seja, é preciso adaptar o trabalho ao tempo e espaço, fazendo negociações com o infografista, depois com paginador, considerar ainda o espaço da fotografia: é uma negociação com várias partes. Em suma o jornalismo de dados é muito mais exigente, tem mais gente envolvida (fotografia, infografia, paginador, estatístico e/ou programador da base de dados, redação e editores). (Informação verbal⁵).

A jornalista de dados do jornal Público, Rita Costa, também relata a característica de desenvolvimento de pautas em diálogos coletivos envolvendo mais profissionais da equipe, principalmente com interação mais próxima entre repórteres e infografistas. Em suas rotinas, ela conta que também atua em pautas de diversas editorias. “Utilizamos mais temática sobre questões sociais de Portugal, mas faço muita coisa sobre saúde, demografia (um segmento que temos muitos dados)”, relata (Informação Verbal⁶) ao complementar:

“Lembro que no Dia da Mulher fiz uma matéria sobre os nomes das ruas de Portugal que levavam nomes de homens e de mulheres. Achamos uma diferença gigantesca entre o número de nome de ruas com nomes de homens e aquelas com nomes de mulheres. Partimos de uma base de dados de cerca de 300 mil ruas, o que deu muito trabalho, pois não havia informações sistematizada de qual era nome de homem e qual era de mulher, além, claro, de outros nomes de ruas não ligados a nomes de pessoas. Então, tivemos que desenvolver uma função para o programa nos dizer qual era nome de homem e qual era de mulher. Depois disso fizemos análise dos nomes só de Lisboa. Os resultados das diferenças numéricas da presença de nomes de homens e mulheres renderam um material muito interessante. Gostamos do resultado” (Informação verbal⁷)

Neste exemplo também aparecem as características da diversidade temática possível para as abordagens do Jornalismo de Dados, bem como as diferenças no envolvimento das equipes, neste caso, atuando conjuntamente nas pautas jornalísticas, uma vez que as apurações e veiculações demandam repórteres em diálogos mais recorrentes e próximos com

⁵ Entrevista com Bruno Rodrigues. Concedida em maio de 2018 no Porto.

⁶ Entrevista com Rita Costa. Concedida em maio de 2018 em Lisboa.

⁷ Entrevista com Rita Costa. Concedida em maio de 2018 em Lisboa.

infografistas e até com programadores. Como efeito, tem-se reportagens de dados capazes de explorar temáticas transversais nas redações, resultando em publicações em editorias diversas e também aptas a serem veiculadas desde em jornais impressos, na forma de reportagens com infográficos estáticos, até em plataformas digitais, sob a forma de visualizações infográficas interativas, a depender dos perfis profissionais disponíveis para atuarem com os conteúdos jornalísticos nas equipes nas redações.

Conclusão

Este artigo parte de observações empíricas da técnica do Jornalismo de Dados praticada em redações jornalísticas em Portugal. A partir de entrevistas realizadas com quatro jornalistas que utilizam a técnica em suas rotinas nos jornais Expresso e Público, de Lisboa; e no jornal O Jogo e na Rádio Renascença, do Porto, buscou-se compreender algumas modificações relevantes que a técnica têm proporcionado ao jornalismo na concepção dos respectivos jornalistas.

Em suma, o Jornalismo de Dados tem sido compreendido como uma modalidade jornalística que recorre a técnicas computacionais e científicas para apuração, edição, publicação e circulação de produtos jornalísticos, ampliando a capacidade investigativa dos jornalistas. Observa-se, no entanto, que o Jornalismo de Dados, enquanto técnica jornalística especializada, apresenta características específicas que o definem e o distinguem em relação às dinâmicas convencionais da atividade jornalística nas redações.

Se, por um lado, as práticas jornalísticas envolvendo dados demonstram uma retomada de aprofundamento e rigor das apurações, em função das necessidades prévias destes parâmetros para as manipulações de bases de dados, por outro, têm promovido modificações nas estruturas das redações e nas equipes. Em suma, as observações empíricas deste estudo demonstram que o Jornalismo de Dados tem demonstrado três características relevantes que se destacam em sua delimitação: é multieditoria, é multiplataforma e é desenvolvido por equipe com múltiplos profissionais atuando conjuntamente.

Conclusivamente, confirmar que a técnica do Jornalismo de Dados é utilizada em diversas editorias pode representar um avanço do ponto de vista de alcance conceitual, por desmistificar hipóteses que dão conta de que, por lidar com dados e números, o Jornalismo de Dados estaria mais próximo da editoria de economia. O estudo comprova que as abordagens da técnica são multitemáticas e as atuações dos repórteres, em geral, são transversais nas redações, não se restringindo a uma ou outra editoria.

A característica multiplataforma também salientada reflete demandas de atuação e/ou participação estendida dos repórteres, por exemplo, junto aos infografistas nos processos criação dos infográficos ou das visualizações de dados, uma vez que nos tradicionais infográficos de impressos os dados são expostos em infográficos estáticos, enquanto que nas

plataformas digitais as visualizações gráficas são interativas, exigindo maior diálogo entre equipes com foco em cada modelo de plataforma. E, apesar das especificidades de cada meio, verifica-se que o emprego das técnicas de Jornalismo de Dados pode vir a enriquecer os conteúdos ofertados aos leitores em multiplataformas, ou seja, plataformas de diversos meios, deste impressos até digitais. Por fim, verifica-se ainda que as práticas do Jornalismo de Dados têm modificado a atuação das equipes funcionais nas redações, com necessidade de maior diálogo entre diversos profissionais para a produção de reportagens conjuntas, integrando repórteres, programadores, infografistas, diagramadores, estatísticos, entre outros profissionais, dependendo da temática e do planejamento dedicado a cada pauta e, claro, de cada contexto de redação jornalística.

Com isso, este estudo espera contribuir com novas reflexões sobre as dinâmicas envolvendo Jornalismo de Dados em Portugal, bem como busca motivar novos estudos que possam favorecer empírica e conceitualmente a técnica.

Bibliografia

- BARBOSA, S.; TORRES, V. (2012) Extensões do paradigma JDBD no jornalismo contemporâneo: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. In: Encontro Anual da Compós, 21., Juiz de Fora. Anais... Brasília: Compós.
- BARBOSA, S.; TORRES, V. (2013) O paradigma "Jornalismo Digital em Base de Dados": modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. Galaxia (São Paulo, Online), n. 25, p. 152-164.
- BOUNEGRU, Liliana (2012) Data Journalism in Perspective. In: GRAY et al. (orgs.). The data journalism handbook: how journalists can use data to improve the news. Sebastopol: O'Reilly. [Ebook]
- CAIRO, Alberto (2011) El arte funcional. Infografía y visualización de información. Alberto Cairo, Madrid, Alamut, 2011.
- CAIRO, Alberto (2012) Infografía 2.0: Visualización interactiva de información en prensa. Editora Alamut.
- DADER, José Luis (1997). Periodismo de precisión en España: Una panorámica de casos prácticos. Disponível em: http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/telos/anteriores/num_036/cuaderno_central6.html . Acesso em: 25 mai 2012.
- DADER, José. Prólogo in MEYER, Philip (1991) The New Precision journalism, Bloomington and Indianapolis. Indiana University Press. Traducción: Periodismo de precisión: nuevas fronteras para la investigación periodística. Barcelona, Bosch, 1993.
- FIDALGO, Joaquim (2008) Jornalismo em Construção. Coordenação de Joaquim Fidalgo,

- Manuel Pinto. Edição/reimpressão: Ed. Porto Editora. Coleção Comunicação.
- HOWARD, Alexander (2014). Debugging the backlash to data journalism. TOW Center for Digital Journalism. Disponível em: <http://towcenter.org/blog/debugging-the-backlash-to-data-journalism>. Acesso: 28 nov. 2015.
- MARCONDES FILHO, Ciro (2009) Ser jornalista. O desafio das tecnologias e o fim das ilusões. São Paulo: Paulus.
- MEYER, P. (1993) Periodismo de precision. Barcelona, Bosch. Tradução José Luis Dader.
- MEYER, Philip (1973) Precisión journalism: A Reporters Introduction to Social Science Methods, Bloomington Indiana Univ. Press, 1973.
- MEYER, Philip (1991) The New Precision Journalism, Indiana University Press.
- MEYER, Philip (1993) The New Precision journalism, Bloomington and Indianapolis. Indiana University Press, 1991. Traducción: Periodismo de precisión: nuevas fronteras para la investigación periodística. Barcelona, Bosch.
- MORETZSOHN, Sylvia (2002). Jornalismo em "tempo real". O fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan.
- PARASIE, Sylvain; DAGIRAL, Eric (2013) Data-driven Journalism and the Public Good: 'Computer-Assisted Reporters' and 'Programmer-Journalists' in Chicago. *New Media and Society* 15: 853–871.
- ROGERS, Simon (2014) Data journalism in the newsroom: what is data journalism? Doing journalism with data: fist steps, skills and tools. Curso online, 19 mai. a 31 jul., 2014. Disponível em: <http://datajournalismcourse.net>. Acesso: 19 mai. 2014.
- TRÄSEL, Marcelo (2014) Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. 2014. 314f. Tese (Doutorado em Comunicação Social), PUCRS, Porto Alegre.